



# **NOVOS LETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: reflexões sobre a construção identitária de alunos de um nono ano, da professora e da escola**

Claudemira Maria Rocha Silva<sup>1</sup>

## **1 INTRODUÇÃO**

O contexto da pesquisa foi uma escola pública estadual, onde a professora-pesquisadora atuava como professora de um 9º ano do ensino fundamental. Uma turma constituída de 43 alunos oriundos de bairros periféricos, que sofria com a precariedade do transporte escolar e com a falta de estrutura adequada ao bom funcionamento da escola. Diante dessas e de outras problemáticas, como o uso do celular em sala de aula, as reflexões da professora-pesquisadora resultaram na seguinte questão de pesquisa: como o trabalho com os Novos Letramentos nas aulas de Língua Portuguesa pode atender às múltiplas demandas de uso da linguagem e à construção identitária dos alunos do 9º ano C de uma escola pública estadual?

De um modo geral, os alunos estavam envolvidos em práticas letradas em que se utilizam da escrita (e da leitura) de diferentes tipos de textos impressos e digitais, incluindo imagens, sons e áudio. Ciente de que seus/as alunos/as eram leitores/as e produtores/as de textos multimodais e midiáticos, a professora-pesquisadora percebeu que as atividades de sala de aula não consideravam essas vivências de seus alunos. Assim, seria necessário proporcionar essas práticas durante as aulas de Língua Portuguesa.

Considerando o contexto, a professora-pesquisadora elaborou uma sequência didática para ser aplicada ao longo de oito meses em que o celular poderia ser utilizado para fins didáticos, uma vez que os/as alunos/as poderiam utilizá-los nas três fases da sequência didática: para fotografar, para realizar entrevistas e produzir programas de rádio. Sendo assim, o fazer pedagógico estaria atrelado ao fazer da pesquisadora, e a geração dos dados da pesquisa resultaria da prática pedagógica.

---

<sup>1</sup> [claudemirar@bol.com.br](mailto:claudemirar@bol.com.br).

## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os/as alunos/as participantes da pesquisa desempenham papéis sociais, dentro e fora da escola, que ajudam a constituir suas identidades. Hall (2006) e Bauman (2005) falam do caráter múltiplo, contraditório, fragmentado e dinâmico da identidade, um fenômeno típico da pós-modernidade. Assim, há uma compreensão de que os alunos são constituídos de identidades que se (re) constroem por meio de atividades sociais que pressupõe o uso de (multi) linguagens que permeiam essas atividades. Rojo (2012) defende a importância de se considerar no cotidiano escolar a multiculturalidade e trata da relação existente entre as culturas e as várias formas de expressão por meio da multimodalidade, apresentando-nos a pedagogia dos multiletramentos, resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (GNL) e de um manifesto (1996).

Desse ponto de vista, no ensino de língua materna, é preciso considerar a multiplicidade de linguagens, pois a construção identitária dos/as alunos/as perpassa pelos usos que fazem da língua e da multimodalidade. Bauman (2005) fala da construção identitária como uma “forma de experimentação infundável”. Dessa forma, torna necessário investigar como o ensino de Língua Portuguesa contribui na construção identitária desses alunos, pois o processo de ensino também pode ser considerado um processo de construção identitária.

Nesse estudo investigativo da construção identitária são considerados os contextos em que estão inseridos os/as alunos/as participantes, porque as identidades são reveladas de forma multifacetadas em cada situação, em cada prática social. Além disso, para Giddens (2002, p.36), a auto-identidade sofre transformações, tanto no âmbito local quanto no âmbito global: “as transformações na auto-identidade e a globalização, como quero propor, são os dois polos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade”. É por isso que os/as alunos/as participantes passam a ser enxergados em um contexto que ultrapassa os muros da escola e se estende para o mundo virtual, no qual os/as alunos/as são usuários/as de redes sociais, por exemplo.

A pesquisa qualitativa participante de cunho etnográfico traz ao/à aluno/a participante a oportunidade de ser, junto com a professora pesquisadora, sujeito da

pesquisa, de realizar ações que podem colocá-lo/la na condição de aluno/aluna pesquisador/a. Brandão (1981) *apud* André (2010) trata do envolvimento dos participantes em várias fases da pesquisa, de modo a contribuir na formação dos participantes como pesquisadores, por isso capazes de transformar sua realidade, porque passa a conhecê-la melhor. Como esse tipo de pesquisa não se limita ao espaço da escola, a etnografia aproxima a professora-pesquisadora da realidade de seus/suas alunos/as.

Como já foi mencionado, para a geração de dados foram escolhidos três instrumentos: a entrevista, a fotografia e o programa de rádio (*podcast*). Como instrumento de geração de dados,

a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (NETO, 1994, p. 57).

Os/as alunos/as, nesta pesquisa, são fotógrafos e objetos da fotografia ao serem fotografados. Para Santaella (2007, p.394), ao referir-se à “leveza das câmeras digitais e dos celulares”, da facilidade de trazê-los conosco e também da “visualização imediata do recorte da realidade visível captura pelo clique”. Por meio da fotografia, os/as alunos/as revelam suas realidades e suas identidades, pois é pelo clique das câmeras de seus celulares que as identidades multifacetadas se mostram e os constituem como sujeitos que se modificam ao contar suas histórias por meio de fotografias. Santaella (2012, p.80) diz que a leitura que se faz de uma fotografia é “lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, com as especificidades que lhe são próprias”. Neste estudo, a leitura da fotografia ocorre por meio de vários olhares: o olhar da pesquisadora e os olhares dos alunos participantes.

O *podcast* revela os/as aluno/as na condição de produtores/as de programas de rádios, utilizando-se do discurso midiático na condição de produtores/as e jornalistas, utilizando-se da língua em uma situação de comunicação diferente das práticas cotidianas. Segundo Costa (2005), o rádio inovou as formas de comunicação ao narrar os acontecimentos de diversas partes do e, de maneira

persuasiva e próxima, conquistou os ouvintes e, ainda hoje, o rádio continua conquistando seus ouvintes, inclusive na *Internet*.

Os/as alunos/as participantes da pesquisa são identificados como Aluno Participante 1 (A1), Aluna Participante 2 (A2), Aluna Participante 3 (A3) e Aluno Participante 4 (A4). As pessoas entrevistadas pelos alunos serão identificadas, respectivamente, como Colaboradora 1 (C1), Colaborador 2 (C2), Colaboradora 3 (C3) e Colaboradora 4 (C4). Nas transcrições, foram usadas as siglas/abreviações para tornar a leitura mais fluente. Os/as quatro alunos/as participantes foram selecionados/as porque apresentam traços e mudanças identitárias semelhantes aos traços e mudanças identitária dos/as alunos/as que constituem a turma.

### **3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA POR MEIO DOS NOVOS LETRAMENTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Conforme já foi mencionado, a análise da construção identitária do 9º ano C de uma escola pública estadual de União dos Palmares/AL, por meio dos Novos Letramentos, ocorre por meio da análise da construção identitária de quatro alunos/as participantes da pesquisa durante o período de aplicação de uma sequência didática em três fases aplicada nas aulas de Língua Portuguesa.

#### **3.1 ALUNO PARTICIPANTE 1 (A1)**

O Aluno Participante 1, assim como outros colegas de turma, é morador de um conjunto habitacional localizado na periferia da cidade de União dos Palmares, BR 104, Km 35, construído para acomodar cerca de 1500 famílias, que habitavam a região ribeirinha e tiveram suas casas destruídas na enchente de 2010. Embora tenha sido planejado, o conjunto habitacional apresenta problemas estruturais: como a precariedade na coleta do lixo e rede de esgotos precária. Além de tudo isso, a violência no Conjunto Nova Esperança é assunto frequente em *sites*, *blogs* e programas radiofônicos. Antes, o Aluno Participante 1, já havia morado em outro conjunto habitacional construído para receber famílias que foram afetadas pela enchente de 2000, ocorrida em União dos Palmares. Mas o volume de águas do Rio Mundaú atingiu níveis mais altos em 2010, e o aluno teve que passar por outra mudança.

Os conjuntos residenciais Padre Donald e Nova Esperança têm realidades socioeconômicas e culturais muito parecidas. Entretanto, a constituição da memória de seus moradores ocorre de maneira bem distinta, já que os moradores do Conjunto Padre Donald têm uma década de história local.

A primeira atividade extraclasse da primeira fase da sequência didática foi a solicitação de uma entrevista com um parente e/ou morador/a do lugar onde moram sobre o lugar onde moram. Os/as alunos/as deveriam seguir um roteiro de perguntas construído em sala de aula.

O Aluno Participante 1 entrevistou uma moradora do conjunto Padre Donald, onde ele havia morado por 10 anos. Possivelmente, o Aluno Participante 1 ainda não tinha a sensação de “pertencimento” em relação ao lugar onde mora por ter uma memória muito recente do lugar.

Durante a entrevista semiestruturada (e gravada), o Aluno Participante 1 procurou ser imparcial, embora tenha se referido inicialmente à entrevistada (colaboradora 1) de maneira informal, tratando-a como “tia”. Na entrevista, a Colaboradora 1 traz em seu relato os problemas comuns aos bairros periféricos onde residem muitos alunos da turma, a exemplo da falta de saneamento básico e de segurança pública. Ao longo da entrevista, a Colaboradora 1 demonstra certa consciência política, mas se contradiz ao recorrer ao discurso religioso que coloca Deus como aquele que resolve todos os problemas, enfraquecendo seu argumento de que é necessária uma organização popular para buscar soluções: “... mas eu creio em Deus que tudo vai ser resolvido...”.

O Aluno Participante 1, ao sair da condição de entrevistador para a condição de entrevistado, responde às mesmas questões indagadas pela professora-pesquisadora. Na entrevista, ele revela que não gosta do lugar onde mora e, assim como a Colaboradora 1, aponta como um dos problemas o saneamento básico. Ele também aponta a organização popular como uma forma de resolver os problemas: “se juntar um grupo... ir na prefeitura falar com o prefeito... ou na câmara de vereadores da cidade”. Quanto aos problemas e possíveis soluções, é um discurso

muito parecido com o da Colaboradora 1, embora residam em lugares diferentes. Todavia, o Aluno participante 1 não ancora sua fala no discurso religioso.

**Figura 1** – Fotografias do Aluno Participante 1



Fonte: fotografias cedidas pelo Aluno Participante 1

A fotografia 1 do Aluno Participante 1 traz como cenário a sala de aula e foi tirada de um celular. Segundo o aluno fotografado, um colega de sua turma o fotografou em um intervalo de aula. Perguntei por que está sorrindo na fotografia. Ele disse, ironicamente, que estava sorrindo porque era a hora do intervalo. Ele foi fotografado no mesmo lugar que costuma sentar. É o último da fila em que senta. Geralmente, alunos que sentam na última fila não costumam interagir com o professor e com a turma por meio da fala. É como se escolhessem o lugar do “silenciamento”, e o enfileiramento das carteiras na sala de aula contribui para isso. No entanto, A escola constitui um “lugar social” do aluno, um espaço relevante de sua construção identitária ao interagir por meio de linguagens: da linguagem verbal e não verbal, da linguagem semiótica.

O Aluno Participante 1 relatou que a fotografia está em sua rede social. Ao postar sua fotografia na rede social (*Facebook*), assumindo-a publicamente ele assume sua identidade de aluno de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino de Alagoas.

Martino (2013) discorre sobre o vínculo entre mídia e identidade. Ao postar sua fotografia na rede social, o aluno está produzindo comunicação e faz parte de uma comunidade virtual. Essa comunidade virtual constrói sua identidade por meio de uma cultura midiática. Com a globalização, a construção identitária passa a ser definida por elementos de uma cultura local e também de várias culturas, hibridizando-a (MARTINO, 2013).

No artigo “Redes sociais e contracultura: a escola fora da escola” (GOMES, 2010, p.8) alerta que “a utilização dos recursos de multimodalidade para as interações nas diversas redes sociais e a tendência à centralidade da imagem em relação ao texto verbal também se constituem em opções por modos de expressão não valorizados na maioria das escolas”. Como vivemos em uma sociedade em que a comunicação ocorre por meios multimodais, a escola precisa rever seu posicionamento frente às tecnologias digitais. “A presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação”. (LORENZI; PÁDUA, 2012, p.35). Se levarmos em conta novas formas de comunicação, concordaremos com Gomes (2010) quando alega que “o imperativo da visibilidade e outras numerosíssimas razões trouxeram novos usos da escrita, e com as facilidades do meio digital, a imagem passou a ser central” (p.12).

A fotografia 2 foi feita em sala de aula durante o intervalo por um dos colegas de turma dos cinco alunos que aparecem na fotografia. Os alunos aparecem em frente à lousa. No quadro branco há, provavelmente, informações deixadas por algum professor e na parte verde do quadro-de-giz há rabiscos antigos feitos com corretivo por alunos. Talvez a leitura do contexto permita dizer que a fotografia traz à tona uma discussão: de que maneira o espaço da sala de aula é ocupado pelo professor e pelo aluno? A ocupação do espaço da sala de aula implica na relação professor-aluno em sala de aula e do aluno com os outros alunos? Essa fotografia é uma representação de uma sala de aula em que os espaços precisam ser mais democratizados, de modo que os alunos ocupem mais o espaço que aparentemente é posse do professor?

Todavia, embora os alunos estejam em um “lugar” em que o professor costuma estar, na frente da lousa, eles estão fazendo o sinal de “positivo”. Há relatos

históricos de que o gesto era usado em Roma: a plateia decidia sobre a vida do gladiador derrotado com o sinal de positivo ou negativo. O gesto é repetido cotidianamente por pessoas de várias gerações, embora tenha ganhado mais força entre os jovens. Sendo assim, o gesto que remete a um fato histórico e social ganhou um novo significado no contexto da fotografia, passando a significar, por exemplo, “tudo bem”, “tudo certo”.

Ainda na mesma fotografia, todos olham para a câmera, mas apenas o primeiro aluno da esquerda está rindo, e o do centro apenas esboça um sorriso. Os demais mantêm certa seriedade. Além disso, podemos perceber nas expressões faciais de cada aluno traços destoantes. O segundo aluno da esquerda para a direita está sério, o terceiro demonstra tranquilidade e conforto, o quarto aluno está sério e revela timidez. O aluno participante 1, que é o último, traz a seriedade em todo o rosto de músculos contraídos em contraste com o gesto de positivo feito com as duas mãos.

Embora haja certa harmonia entre os alunos que compõem a fotografia, observa-se que eles se individualizam: é a identidade de um grupo, mas é também a identidade de cada membro do grupo. Ou seja, há uma identidade coletiva e várias identidades representadas na fotografia que se revelam nas poses de cada um: usam a mesma farda que os identifica como alunos de uma mesma escola, porém cada um se “autorrepresenta”.

Nas fotografias 3 e 4 o aluno usa gravata, camisa manga-longa, vestimenta muito comum para homens que frequentam cultos evangélicos. Nas duas fotografias, o aluno está pronto para ir ao “culto”. O gesto de positivo da fotografia 3 é feito com as duas mãos, em harmonia com um rosto descontraído, esboçando um sorriso, enquanto está em pé, pronto para “agir”. O mesmo podemos observar na fotografia 4, em que o aluno está na sala de sua casa, com as duas mãos segurando os bolsos da calça, postura muito comum de pessoas tímidas quando são fotografadas. Está sério e traz uma pendurada na cintura. Provavelmente, é a chave da moto que utiliza para se locomover, já que mora em um bairro afastado do centro.

Na fotografia 3, o Aluno Participante 1 disse que está vestido formalmente porque estava pronto para ir a sua igreja. Ele demonstra satisfação e faz “sinal positivo” com as duas mãos. Ele também informou que a foto está em sua rede social.

Nas duas fotografias, é o aluno que se destaca na fotografia, o cenário é o coadjuvante. Todavia, suponho ser o cenário o condicionante do “estado de espírito” do aluno; por isso, o contexto espacial da fotografia serviu-me de guia para a leitura das imagens fotográficas.

As duas fotografias revelam uma identidade religiosa do aluno participante 1, confirmada em seu discurso na entrevista 1, quando diz: “bom dia, eu sou ((diz o seu nome))... vou fazer uma entrevista aqui com a:: irmã (diz o nome da pessoa que será entrevistada)”. A mulher a quem ele chama de “irmã” é membro da mesma igreja evangélica que o aluno frequenta.

Na igreja, segundo informações passadas pelo aluno à professora-pesquisadora, ele pertence a um grupo de jovens, faz leituras no momento das cerimônias religiosas. Na igreja, ele lê em público e interage com seus pares nas discussões do grupo de jovens. Na sala de aula, era, inicialmente, o aluno muito tímido e calado que sentava na última fila. Com o passar do tempo, ele revelou em sala de aula uma identidade parecida com a identidade religiosa dele. Em síntese, tornou-se um aluno mais ativo, mais participativo, capaz de defender suas ideias, de expor opiniões, de argumentar.

As fotografias 5 e 6 revelam mais uma identidade do Aluno Participante 1: ele é um bombeiro. O curso profissionalizante de bombeiro foi custeado pelos pais do aluno, que posam ao lado dele demonstrando satisfação. O aluno sorri e faz o sinal de positivo. Na fotografia 6, em que o estudante usa parte do fardamento de bombeiro, é possível identificar uma rua do Conjunto onde ele mora. A fotografia 7 apresenta um aluno com troféu de uma banda musical da qual é integrante como músico.

Na fotografia 6, o cenário é composto por uma rua do conjunto onde reside atualmente. Provavelmente, durante o período de aplicação da sequência didática e

dos instrumentos de geração de dados, houve uma mudança de concepção do Aluno Participante 1 sobre o lugar onde mora.

**Figura 2** – Fotografias do Aluno Participante durante a exposição fotográfica



Fonte: registros fotográficos feitos pela professora-pesquisadora

Embora o Aluno Participante 1 tenha mantido seu “ar de seriedade” em sala de aula, as fotografias da exposição oral comprovam sua interação com a turma e com o grupo que escolheu para ter mais proximidade. As duas fotografias exibidas no projetor de multimídia sobre as quais ele e os colegas comentaram, marcam sua mudança, pois as duas mostram que ele está enturmado

Nas duas fotografias, ele fez questão de se apresentar ladeado pelos colegas que estão nas fotografias e parece muito à vontade, bem descontraído. Meses antes, o aluno retraído que sentava na última fileira não conversava com nenhum desses colegas, nem participava das atividades que lhe exigissem oralidade.

Possivelmente, o uso da multimodalidade durante as aulas de língua portuguesa permitiu ao Aluno Participante 1 a expressiva mudança de comportamento em sala de aula, tornando-o mais participativo e, como o entrevistei duas vezes e tivemos uma conversa sobre as fotografias dele, percebi que o vínculo professora-aluno se fortaleceu.

### 3.2 ALUNA PARTICIPANTE 2 (A2)

A Aluna Participante 2 (A2) é casada e mãe de uma adolescente, mora afastada do centro da cidade, às margens da BR 104, um local onde o marido loteou um terreno e pôs os lotes à venda. O casal tem uma filha adolescente, e a esposa é dona de casa. Embora seja a única aluna casada e mãe, fato que a diferencia dos/as demais alunos/as, ela interage muito bem com os colegas.

A Aluna Participante 2 entrevistou o marido, que demonstrou em suas respostas um teor de insatisfação e de denúncia muito forte em relação ao lugar onde moram. Neste caso, o Colaborador 2 refere-se à cidade de União dos Palmares. Ele aponta dificuldades que ele centraliza como “questão política” e atribui aos representantes a responsabilidade pelas dificuldades existentes: “olha... não temos representantes de vergonha...”. O que pode significar essa afirmativa? Provavelmente, ele quis dizer que representantes de vergonha seriam os políticos que assumem o seu papel, tanto no Poder Legislativo, quanto no Poder Executivo. Ao dizer que, atualmente, houve mudanças na escolha de juízes/juízas, utiliza-se de um discurso religioso: “**HO**je graças a Deus mudou **MUI**to...”. Ou seja, não atribui ao ativismo político da sociedade as diferenças contextuais. A identidade religiosa revelada no discurso atribui uma mudança a Deus que, segundo o entrevistado, permitiu que houvessem mudanças. Por outro lado, diz que não haverão mais: ...porém não temos mais uma...uma...perspectiva de melhora..”, colocando-se contra o voto obrigatório colocando-o como causas de sua falta de “perspectivas” de mudanças. Ao falar das esferas do poder institucionalizado demonstra total descrédito em relação aos políticos a quem atribui o termo “bandidos”.

Na condição de entrevistada, inicialmente, as respostas da Aluna Participante 2 trazem uma visão romântica e idealista do lugar, que descreve como um lugar paradisíaco. Entretanto, o “nada” (ausência dos problemas no sítio) se opõe ao “tudo”, quando a entrevistada diz que na cidade “falta de tudo”. Ao afirmar que os moradores não fazem nada para resolver seus problemas, diz que são “calados” que aceitam “tudo o que o prefeito faz” e “não fazem nada”. O discurso da entrevistada está ancorado no antagonismo: o “fazer do prefeito” e o “não fazer dos moradores”. A Aluna Participante 2 assume um ponto de vista, um posicionamento muito

parecido com o da pessoa entrevistada, o marido. Ambos, marido e mulher, referem-se à corrupção política como algo que gera problemas à população e promove a descrença no governo.

A Aluna Participante 2 revela uma identidade política em afinidade com o posicionamento do marido, que em suas críticas aos governantes das várias esferas do poder demonstra uma enorme insatisfação mesclada de descrédito e de descrença.

Talvez o processo de construção identitária dessa aluna seja muito marcado pela convivência familiar, porque nas discussões em sala de aula sobre temáticas sociais as falas dela são muito parecidas com o discurso do marido. Há uma recorrência de termos todas as vezes que ela faz referência ao governo municipal, tais como: “é uma vergonha”, “governo desmoralizado”, “roubalheira”, termos que aparecem na entrevista do Colaborador 1.

O cruzamento dos dados revela dois discursos: o da entrevista e o da fotografia. A entrevista realizada pela Aluna Participante 2, em que o entrevistado é o marido dela, e a entrevista em que ela responde às mesmas perguntas, há uma ausência de denúncia nas fotografias. Nos discursos dela e do marido há uma denúncia da precariedade na assistência à saúde dos munícipes, da falta de concurso público, por exemplo, entretanto essa problemática não aparece em nenhuma das fotografias fornecidas pela estudante. Não foi apresentada por ela nenhuma fotografia que apontassem as consequências do descaso do poder público e da corrupção política. Enquanto no discurso verbal há uma preocupação social mais ampla, no discurso semiótico da fotografia o cenário é restringe-se ao núcleo familiar e à escola. A semiótica da fotografia constrói um universo harmonioso, equilibrado, onde predomina o sorriso, a alegria, a harmonia. Possivelmente, a ideia de pertencimento na escola e na família seja fortalecida pelo ativismo da aluna nessas duas esferas sociais, opondo-se, possivelmente, à ausência de uma participação política mais ampla. Em resposta à pergunta o que fazem (os moradores) para resolver seus problemas? Respondem que não fazem nada. Sendo assim, podemos compreender que o “inativismo político” recai sobre os entrevistados.

Em síntese, no discurso a Aluna Participante 2 reveste-se de politização, mas nas fotografias os indícios de alheamento aos problemas sociais.

**Figura 3 – Fotografias da Aluna Participante 2**



Fonte: registros fotográficos cedidas pela Aluna Participante 2

As fotografias 1, 2 e 3 foram apresentadas à turma no dia da exposição oral. A aluna Participante 2 faz um breve relato sobre a primeira fotografia do quadro, como podemos observar no trecho a seguir: “[...] essa é minha filha e eu... Nesse dia... eu sou cabeleireira... né...nesse dia... aí...eu tava... eu tinha acabado de fazer uma progressiva no cabelo dela... aí a gente aproveitou pra tirar foto... e a gente tirou a foto...(rindo)”. O registro fotográfico apresenta mãe e filha com os cabelos muito parecidos, as duas são muito jovens e, pela jovialidade e espontaneidade, poderiam ser confundidas como sendo irmãs. Além disso, elas interagem como pares. A atmosfera de comemoração é marcada por um gesto da filha: ela coloca a língua pra fora, gesto muito recorrente em fotografias de jovens e adolescentes.

Duas identidades são marcadas pela aluna em seu discurso sobre a fotografia 1. Ela diz ser mãe ao referir-se à garota como “minha filha” e afirma ser “cabeleireira”. A fotografia 2 é um registro fotográfico da família: “Aqui tá meu esposo... eu e minha filha..era aniversário da vó...da mãe de meu esposo... né... aí a gente aproveitou...e tirou uma foto também... né”. A apresentação da foto da família aos colegas passa a ser um ato corajoso por parte da aluna, pois ela é a única aluna casada e com filho. Em sala de aula, ela só se refere ao marido em momentos em que surgem

discussões sobre questões sociais. Raramente, a estudante refere-se à filha. Provavelmente, expor suas experiências de casamento e maternidade a tornaria muito “distante” dos colegas, com os quais ela procura interagir frequentemente.

O sentido metafórico da terceira fotografia marca a identidade de uma aluna-mãe: a cadela está acompanhada de cães recém-nascidos. Foi nesta fotografia que a aluna fez questão de se demorar, contando detalhadamente a história da cadela. A cachorra chegou em sua casa acidentada, com um ferimento no olho. Ela e o marido levaram a cadela ao veterinário e três meses depois, ela pariu e trinta dias depois os filhotes foram doados. Atualmente, a cadela é um membro da família: “[...] toda vez que eu chego no portão... ela corre... vai me buscar...traz pra casa... ela tá ficando... acho que ela ficou cega dos dois olhos...”.

A metáfora da fotografia consiste, possivelmente, no desejo da aluna de poder conversar mais sobre suas identidades familiares de mãe e de esposa; todavia, ela pertence a um grupo em que suas experiências pessoais divergem das experiências dos demais. Além de tudo isso, ela é a mais velha da turma e que demonstra mais maturidade.

Por outro lado, o fato de ser casada e de ter uma filha quase da idade de alguns de seus colegas, a estudante aparece na fotografia 4 rodeada de colegas: são três alunos e três alunas, ela é a aluna do meio. Sua imagem não destoa da imagem dos outros, e o seu gesto de “paz e amor” pode ser um símbolo da relação harmoniosa construídas no cotidiano da escola.

O cenário da fotografia 5 é a sala dos professores. Foi esse o lugar escolhido pela aluna para ser fotografada. Perguntei por que havia escolhido o lugar, ela respondeu que é um lugar que sempre quis entrar, de ver como era. Pode ser que a aluna fotógrafa nutra o desejo de ser professora. Diante disso, há uma informação que talvez esteja vinculada à escolha da estudante. Há, na escola, uma curiosidade em torno da sala dos professores, e um fato muito comum é o de os professores serem muito solicitados por alunos no momento do intervalo. Talvez eles queiram “desmitificar” a relação hierárquica professor-aluno, adentrando em um lugar até então inacessível.

A sexta e última fotografia foi registrada no começo da exposição oral sobre fotografias da aluna Participante 2, momento em que ela faz uma leitura de imagens, por meio de uma nova prática social de letramento, já que é a primeira vez em que ela vai contar um pouco de sua vida por meio de imagens fotográficas.

### **3.3 ALUNA PARTICIPANTE 3 (A3)**

A Aluna Participante 3 entrevistou uma moradora do sítio onde residem, que não enxerga os problemas que a rodeiam porque demonstra satisfação com o lugar onde habita e com a vida que leva. Trata-se de um sítio em que os moradores, de um modo geral, residem em pequenas casas de taipa, sem água encanada ou tratada, sem energia, sem banheiro ou qualquer tratamento de esgoto. A falta de transporte dificulta sua ida à cidade, que acontece uma vez por semana em um caminhão que os leva para fazer a feira. Durante a semana, só há transporte para os estudantes. Por isso, é comum que peçam para sair da escola mais cedo para ir ao comércio ou ao banco cumprir com os “mandados” dos pais e familiares.

A visão da Aluna Participante 3, na condição de entrevistada, diverge da visão da pessoa entrevistada por ela. As razões pelas quais a aluna mora no sítio estão relacionadas aos laços afetivos familiares: “... por que a minha vida está lá...as pessoas que eu amo também”. Ao ser questionada se gostaria de sair de lá, deixa muito clara sua pretensão: “Algum dia... sim...porque eu não vou ter pai e mãe pra sempre... por mais que me doa eu tenho que seguir na vida”. O pertencimento ao núcleo familiar é que determina sua permanência onde vive; porém, se os pais vierem a falecer seguirá sua vida em outro lugar. Quanto à outra moradora, entrevistada pela Aluna Participante 3, é a morte o fator determinante de sua saída.

Duas realidades se contrapõem também em relação aos problemas que os moradores enfrentam. Do ponto de vista da moradora entrevistada, não há problemas; enquanto para a Aluna Participante 3, ao ser entrevistada, são muitos os problemas, e ela expõe duas dessas problemáticas: os roubos e a falta de transporte.

Na condição de entrevistada, a Aluna Participante 3, apresenta, por meio da linguagem verbal, sua identidade linguística: na entrevista 1, na condição de entrevistadora, a aluna utiliza-se de uma linguagem mais formal; na condição de entrevistada, utiliza-se de três termos próprios da variedade popular da língua: “depoi”, “acostumano” e “adaptano”. Por meio de práticas discursivas, ela revela sua identidade linguística e a de seus conterrâneos.

A realização da entrevista não é vista pela estudante apenas como uma tarefa escolar. Foi agregada uma importância social às atividades: “foi muito importante...porque eu aprendi...mais...porque eu aprendi assim...a saber que eu sou importante na sociedade...que eu não sou uma pessoa qualquer...é isso”. Portanto, a colaboração de uma prática discursiva multimodal contribui de forma significativa no modo como a aluna passa a se perceber: como “alguém importante na sociedade, porque passa a enxergar seu entorno de maneira crítica e, conseqüentemente, passando a pertencer ao contexto no qual interage. Dessa forma, uma ‘identidade antiga’ traz consigo a uma identidade mais recente, em construção por meio de práticas multimodais e de novos letramentos.

**Figura 4** – Fotografia da Aluna Participante 3



Fonte: fotografias cedidas pela Aluna Participante 3

As três primeiras fotografias trazem como cenário o ambiente escolar. A primeira fotografia foi feita embaixo de uma árvore, local que professores e alunos costumam

escolher, talvez a escolha seja feita pela projeção da luz solar no local. Provavelmente, tirou a blusa da farda e usou apenas a que trazia por baixo. Muitos alunos têm o hábito de usar uma blusa por baixo do uniforme, porque podem retirá-lo ao sair da escola. Um dos motivos é que dependem de transporte escolar (ônibus ou pau-de-arara), às vezes têm que caminhar do ponto de ônibus até a casa onde moram. Como é o caso de alguns alunos dessa turma e da aluna, que reside na zona rural do município e caminham mais de uma hora a pé. Portanto, guardar o uniforme em um lugar mais seguro, livre de poeira ou de chuva, garante o acesso à escola no dia seguinte, uma vez que o uso de fardamento é obrigatório.

Na fotografia 1, ela está com cabelos e sorriso presos, com uma mão na cintura que denota uma timidez contrastante com as outras fotografia. Todavia, na segunda fotografia – uma *selfie* – ela parece à vontade ao escolher como plano de fundo o banheiro da escola, lugar muito frequentado pelas alunas que vão pra lá conversar e “arrumar o visual”, uma vez que no banheiro feminino há um espelho. É também para algumas alunas uma maneira de cabular a aula.

A terceira fotografia é muito parecida com a segunda: nas duas a aluna dá destaque aos cabelos puxados para a frente e para um dos lados, está fardada e sorrindo; o cenário dessa vez é uma planta do jardim do corredor onde fica localizada sua sala de aula. É o registro de uma mudança constatada ao longo do ano letivo: com o passar dos meses, a aluna retraída e tímida foi adquirindo o hábito de sair da sala de aula para ficar lá conversando com as colegas no intervalo.

Nas três últimas fotografias, a aluna aparece no sítio onde mora. Na primeira fotografia da esquerda ela aparece com roupas coloridas, traz um boné na cabeça e um terço no pescoço. Está em lugar alto, com uma vegetação própria da Zona Rural do município. Ela está sorridente e de braços abertos. O corpo que “extrapola a moldura” reforça a ideia de liberdade. É o sujeito que se destaca na fotografia, pois a paisagem é secundária como uma cortina. É um sujeito integrado ao ambiente com seus vários tons de verde em contraste com o colorido das vestes da aluna. Ao mesmo tempo, ao fixar o olhar na paisagem, iremos perceber que há uma ideia de infinitude no encontro do morro com a linha do horizonte.

Nas fotografias no sítio onde mora, ela revela-se como um *Outro* que se mostra livre, descontraído e sorridente, diferente da aluna tímida que passa quase todo o tempo na sala de aula, inclusive no intervalo e durante as aulas vagas. Um elemento que compõe o referente da fotografia 4 é o terço pendurado no pescoço da Aluna Participante 3: um símbolo da religiosidade da estudante, com quem confirmei ser católica e participar de atividades religiosas no sítio onde mora.

Na fotografia 5, a descontração é marcada pelo boné posto com a aba de lado e pelo sorriso. Além disso, nas fotografias 4 e 6 a aluna a descontração é reforçada pela camiseta e *short*, vestimentas de uso proibido na escola, onde o aluno deve usar o uniforme, que é composto de camisa padronizada e calça ou saia comprida.

A Aluna Participante 3 passou por um intenso processo identitário ao longo das aulas de língua portuguesa, principalmente, ao realizar as atividades propostas na sequência didática que desencadeou a geração de dados desta pesquisa. Ainda assim, sua timidez não permitiu que participasse da exposição oral de suas fotografias diante da turma.

Mesmo não levantando para ir até à frente e pedindo para não ser gravada, ela falou da importância da exposição de suas fotografias para a turma; porque, segundo a aluna, ela pode mostrar quem ela é dentro e fora da escola.

### **3.4 ALUNO PARTICIPANTE 4 (A4)**

O Aluno Participante 4 (A4) participou de todas as atividades e provoca algumas reflexões em seu discurso verbal e multimodal sobre a prática pedagógica. Na condição de entrevistador, entrevistou a mãe.

A entrevista traz marcas da identidade linguística do Aluno Participante 4, próprias do lugar onde vive. Vale lembrar que o papel da escola é o de ampliar os usos da língua, e não o de negar a cultura linguística do aluno. Se a inserção de propostas de atividades em que o aluno se aproprie da variedade culta da língua no planejamento, considerando-se os contextos de produção faz cumprir um dever da

escola, a mesma não deve esquivar-se de promover outras ações pedagógicas que valorizem as experiências linguagem trazidas à escola pelos alunos.

O ponto de vista do Aluno Participante 4 é diferente da visão que a mãe tem do lugar onde residem. Ele traz alguns termos de um discurso crítico ao mencionar seu desejo de sair de lá, apontando a igualdade de direitos: “[...] todo cidadão merece uma vida melhor... e lá tem dificuldade pa tudo”. Mas a necessidade de ter “uma vida melhor” contrasta com as condições precárias do lugar onde mora.

**Figura 5** – Fotografias do Aluno Participante 4



Fonte: fotografias cedidas pelo Aluno Participante 4

Embora não tenha trazido nenhuma fotografia sua fora da escola, durante a exposição oral de fotografias, o Aluno Participante 4 conta suas experiências de vida a partir de suas escolhas fotográficas. É a história de vida de um aluno da zona rural de um município alagoano que, como muitos outros, teve sua infância roubada por uma vida marcada pelo trabalho.

Para o aluno, a escola não deve ser apenas um lugar de “estudo”, segundo o que relata sobre a primeira fotografia do mosaico: “cada foto que eu tirei tem um significado...né...que...a pessoa só não pode só tá na sala de aula...porque...é uma aula cansativa[...]. Ao referir-se à “aula cansativa”, o aluno cita duas atividades que ele relaciona ao cansaço: “[...] só tá escrevendo, ou ouvindo a pessoa falar”. É assim

que ele exprime o desejo de uma aula diferente: “[...] podia ter uma aula diferente...tipo...uma aula...uma aula prática... de não tá na sala de aula... ou não tá só na quadra jogando bola na quadra...mais sim...uma aula...tipo...correr...brincar...de alguma brincadeira diferente[...]”.

Talvez a escola provoque no aluno “uma esperança” de resgatar o que lhe foi tirado: “descanso”, o “repouso” e “tempo pra pensar” são termos que aparecem relacionadas à fotografia 1, em um trecho do discurso do aluno. Na fotografia, ele aparece de farda e de sandálias, com as duas mãos apoiando a cabeça e deitado em um banco que fica no jardim do primeiro corredor no qual fica a sala de aula dele. Como o aluno afirma, cada foto tem um significado e, provavelmente, esta significa para ele o que a escola deveria ser: um lugar onde pode experimentar o lúdico que não tem lugar em sua realidade fora da escola.

No entanto, a palavra “brincar” ganha uma conotação negativa quando o aluno comenta a fotografia 2: “ eu tirei essa foto porque...muitas pessoa vem aqui no colégio...vem pra brincar..muitas pessoa vem aqui...vem aqui com...com o interesse que...quer um futuro melhor...porque nois pobe...nós num...assim...nois pobre...somo umas pessoa muito maltratada...somos uma pessoa muito baixa [...]”. O discurso do aluno assemelha-se ao que se ouve sobre o papel da escola na vida dos alunos da classe popular, que é o de que “quem leva a escola à sério terá um futuro melhor”.

Provavelmente, o aluno vê na escola um meio, talvez o único, de provocar mudanças positivas em sua vida, livrando-o de ser “uma pessoa muito baixa”. Ou seja, é na escola que o Aluno Participante 4 projeta uma imagem positiva de si mesmo: “[...] tem escola pra nois se tornar uma pessoa melhor...com capacidade pra dá o melhor pra nossa família e pra nois mermo... e quando tiver nossa família...pra ter o prazer do filho pedir alguma coisa[...] a pessoa ter o prazer de chegar assim e dá [...]”. Diante de sua realidade, o aluno compreende que a escola pode melhorar sua condição financeira. Percebe-se em seu discurso que “ser melhor” é ter uma condição financeira melhor. Em síntese, o empoderamento do aluno está vinculado à sua inserção social proporcionada pela escola.

No processo de construção identitária do Aluno Participante 4, a escola é uma espécie de divisor de águas, um marco de reconstrução. A partir de uma leitura do sentido conotativo da fotografia, estar deitado no banco pode ser a representação do abandono do trabalho físico para dar lugar à uma atividade intelectual e filosófica: o exercício de “pensar”: “precisa de um repouso...né...descansar um pouco...para... para pensar nas coisa[...]”.

As referências do aluno feitas às fotografias 2,3 e 4 têm uma carga de criticidade muito forte em relação à escola e às aulas. Na fala do aluno, o corredor da escola, as idas ao banheiro e as saídas para tomar água são meios que os alunos encontram para se libertarem de uma “aula cansativa” e/ou cometer atos de indisciplina: ir para os corredores e “ficar mexendo no celular”, “paquerando”, ir ao banheiro e destruí-lo: “ ...tem que zelar o que é nosso...porque...o que é nosso...se nois que somo donos...né...se nois não zelar...quem vai zelar por nois? O estudante reclama de alguns colegas, que segundo ele, “tiram o futuro dos que querem estudar”, mencionando atos de vandalismo, de depredação do ambiente escolar. Seu discurso tem um tom de denúncia e, ao mesmo tempo, reflete a imagem de um aluno que exercita sua cidadania dentro da escola ao zelar pelo patrimônio físico e pela garantia de uma educação por meio do “conhecimento escolarizado”.

Para o Aluno Participante 4, o desenho de um coração, que faz com as mãos na fotografia 6 significa: “é...esse gesto é... de forma de amor... a mim e ao próximo...e a todo mundo que vem aqui e convive comigo”. Quando termina de falar, o aluno repete o gesto (fotografia 5), finalizando sua apresentação com muitos aplausos e assovios dos colegas.

O discurso desse aluno confrontado com as duas últimas fotografias (5 e 6), lembrou-me Barthes (1984, p.153): “a fotografia dá um pouco de verdade, com a condição de retalhar o corpo. Mas essa verdade não é a do indivíduo, que permanece irreduzível; é a da linguagem”.

Pela linguagem da fotografia, ele parece alguém que interage com os colegas e professores; porém, a forma de comunicação mais utilizada por ele é o silêncio. Várias vezes fez sozinho atividades para serem realizadas em grupo.

Na linguagem fotográfica, o garoto sério e calado se dissolve em um sorriso. Ao comparar a foto exibida no projetor de multimídia e a do final da apresentação, percebemos que na fotografia 6 o aluno está sem a farda, que retirou antes de se apresentar. Sem o fardamento e com um discurso centrado em sua história de vida e no que espera dos colegas e da escola, o aluno se revela pelo discurso verbal apoiado nas imagens. Pela primeira vez, ele falou e foi ouvido, refletiu sobre sua trajetória de vida e despertou nos colegas atitudes de reflexão. Foi pela força da imagem e da palavra que ele ganhou visibilidade em sua sala de aula.

### **3.5 PODCAST**

Os /as alunos/as participantes da pesquisa elaboraram programas de rádio com os seguintes temas: sexo na adolescência, o uso de anabolizantes e o preconceito no futebol. Em um processo de construção como esse, vários aspectos do ensino de língua portuguesa são trabalhados: a oralidade, a linguagem midiática, a linguagem teatral, o gênero entrevista, a adequação da linguagem ao interlocutor e ao contexto de produção, dentre outros aspectos. Assim, os/as alunos/as demonstram que se apropriaram de Novos Letramentos.

O processo de elaboração e de divulgação dos programas de rádio na sala de aula apontou no processo de construção identitária dos alunos, uma identidade coletiva que também foi (re)construída: os alunos passaram a interagir mais nas aulas, tornaram-se, de fato, sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, fazendo escolhas e descobertas.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Alguns caminhos podem ser vislumbrados nesta pesquisa: um ensino de língua portuguesa que considere a multimodalidade, as múltiplas linguagens e o/a aluno/a aluna passando a ser visto/a como um ser único e múltiplo identitariamente.

Por esses caminhos de Novos Letramentos, não cometeremos o erro de considerar apenas o código verbal como a mais importante forma de comunicação, nem o/a aluno/a como um ser incapaz de progredir, de mudar, de transformar-se sem perder

sua essência: a de um ser capaz de construir-se na liquidez da modernidade, no ato fotográfico e no discurso multimodal.

Ao considerar práticas cotidianas dos/as alunos/as, como o hábito de ouvir programas de rádio locais, o uso constante do celular e da Internet, o hábito de fotografar e de fazerem *selfies* para postá-las nas redes sociais, foi possível a elaboração de uma sequência didática que considerasse essas práticas sociais discursivas e as dimensões históricas e culturais dos/as alunos/as, tanto em relação às atividades pedagógicas, quanto à geração dos dados da pesquisa, pois houve a eliminação do distanciamento entre a teoria e a prática. Portanto, as mudanças ocorridas ao longo do ano letivo refletem um processo de ebulição das identidades da turma, da professora e da escola, pois já não são mais os mesmo.

Tornou-se possível, no decorrer desta pesquisa, enxergar o espaço da sala de aula por meio de dois olhares: o olhar de professora e o olhar de pesquisa. Porém, não são olhares que provocam uma duplicidade de imagem, eles se complementam para compor a perspectiva da professora-pesquisadora.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A de. **Parte I** – Fundamentos da Pesquisa Etnográfica. In: \_\_\_\_\_ Etnografia da prática escolar [ePub]. Campinas: Papyrus, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Trad. Júlio Castaño Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade** [e-book]. Trad.de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GOMES, Luiz Fernando. Redes sociais e contracultura: a escola fora da escola. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação – **Anais eletrônicos** ISSN1984 - 1175. Universidade federal de Pernambuco, 2010, p.1-23. Disponível em:<[http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Mesa-Redonda%20\\_Luiz%20-Fernando-Gomes.pdf](http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Mesa-Redonda%20_Luiz%20-Fernando-Gomes.pdf)>. Acesso em: 31 Jul 2014.

GIDEENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzler. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

LORENZI, Gislaíne Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?** [e-book]. São Paulo: Paulus, 2013.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Mynaio, Maria Cecília de Souza(org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.51-66.

RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: : MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editoria, 2005, p. 81-106.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo(orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.11-31.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.